

OS SENTIDOS DA AÇÃO TRANSFORMADORA FEMINISTA

Maria Betânia Ávila¹

Palestra proferida na abertura do
I Encontro Nacional da AMB,
realizada em Goiânia, dia 07/12/06.

“O feminismo: um movimento social e político que concerne a metade da humanidade (...)”

“Um movimento que vive de iniciativas duráveis ou esporádicas, aquelas dos grupos de ação locais, nacionais e internacionais, de seus jornais, de suas revistas, de seus lugares de palavra e intervenção – na instituição e fora da instituição – e que faz mexer as relações privadas e sociais, impõe as leis, muda as vidas, transtorna as câmaras políticas e as câmaras de dormir.”

“Um movimento: para bem nominá-lo “um movimento de mulheres”. “Um objeto não identificável.”

Françoise Collin

O significado é diverso e o sentido também, pois não é um movimento que ordena, que centraliza que define um modelo a seguir. Ao contrário, é um movimento que se abre, se expande, às vezes de forma contundente, produzindo as revoltas, e às vezes como um movimento que não cessa de acolher as recém chegadas. Um movimento que quer reinventar e radicalizar a democracia política e democracia na vida social.

Há várias correntes, políticas e teóricas, pois como prática política e pensamento crítico tem um sentido comum desde a sua origem, o de uma práxis que questiona a ordem das coisas, como elas estão no mundo, e também a explicação sobre as coisas do mundo. Portanto, criou, desde o início, um problema para a política, e um problema novo para a teoria social. Exigiu uma epistemologia e fundou uma teoria, uma teoria crítica. Uma teoria com diversas matrizes, o feminismo radical, o feminismo luta de classe ou marxista, o feminismo pós-estruturalista, o feminismo pós-moderno, o ponto de vista feminista, e outras mais, correntes teóricas que influenciam práticas políticas e vice-versa. É dialético, e não apenas um leva e traz.

Mas, o significado da origem moderna e que se refaz sempre é que o feminismo desnaturalizou uma ordem do mundo que o iluminismo dos filósofos homens brancos não iluminou, e que, ao contrário, *renaturalizou* na nova ordem patriarcal, capitalista, heterossexual e racista que se formou.

¹ Socióloga, coordenadora geral do SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, sede atual do escritório da Secretaria Executiva Colegiada da Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB.

Na origem contemporânea do movimento feminista, anos 60-70, é bom lembrar que, movimentavam-se no mundo ocidental e, sobretudo no Norte, as palavras de ordem “Trabalho igual, salário igual”, “Meu corpo me pertence”, “O privado é político”, “Um filho, se eu quiser, quando eu quiser”, “Aborto e contracepção livres e gratuitos”; no Sul, os anos oitenta se iniciavam, trazendo essas e outras palavras de ordem que se espalhavam: “Quem ama não mata”, “O silêncio é cúmplice da violência”, “Saúde um direito das mulheres”, e por aí vai. No Brasil, no final dos anos 70 e começo dos oitenta, além de palavras de ordem, chegavam também os primeiros movimentos da redemocratização, o feminismo é um sujeito dessa luta, as mulheres do movimento feminista, muitas delas vinham de outros movimentos políticos de esquerda, de luta pela transformação do país, em defesa de uma sociedade socialista. Por isso, muitas feministas voltaram ao país junto com a redemocratização. Muitas outras aqui, construíam, em 70, o caminho da anistia política e o caminho do feminismo como coisas entrelaçadas, e muitas outras formavam os primeiros grupos feministas sob a proteção do Ano Internacional da Mulher, promulgado em 1975 pela ONU.

Tudo isso é significado, e há muito mais, são significados para serem resgatados e para buscar o sentido de um movimento que é, sem dúvida, um movimento de transformação social, de transformação do mundo.

O movimento feminista não chegou aqui, nesse momento da história geral e da sua própria história, sozinho, mas chegou em diálogo, em rupturas, em reatamentos, com outros movimentos, com partidos políticos, com outros parceiros/as, em relações umas duradouras e estratégicas, e outras, episódicas.

Considero que, no Brasil, esse movimento se situou, desde o início, no campo da esquerda, mas questionando profundamente a prática da esquerda. Crítico à concepção de sujeito único da história, aos métodos hierárquicos, centralizadores, machistas, à própria concepção de poder da esquerda, mesmo antes da sua chegada ao poder no Brasil. Na conjuntura atual, o movimento feminista no Brasil e na América Latina tem uma diversidade de correntes, articulações, organizações. Não se trata aqui de precisar essa diversidade, mas de afirmá-la para dizer que há sempre uma necessidade de se posicionar assim, ao falar do sentido de um movimento, para que não se pretenda com um discurso, ser portadora de um sentido único para o movimento. Considero que uma única matriz teórico-política, fechada, como referência para pensar o feminismo não dá conta da sua complexidade, acho que não. Mas, com certeza, não considero como referência uma visão liberal que propõe um feminismo vazio de conflito, e sobretudo de um feminismo que não está de fato em conflito com as contradições que aí estão. O movimento feminista para mim é um movimento de mulheres que luta contra a dominação e a exploração vividas pelas mulheres. Compreendo que essas relações estão com outras embricadas, produzem contradições e antagonismos.

A estruturação da ordem patriarcal, no Brasil e na América Latina, está totalmente

embricada com o desenvolvimento do sistema capitalista e racista e não se constituem como dimensões separadas. E isso já coloca de saída um sentido para nossa luta, pois as mulheres nessa embricação não são apenas diferentes, como afirmam, muitas pós-modernas, mas também são desiguais. Portanto, o sentido da luta é anti-patriarcal, mas requer um sentido anti-racista e uma luta contra as desigualdades de classe. Mas o patriarcado é também fundado no modelo da heterossexualidade e, portanto, temos que ser um movimento que enfrenta a luta contra a homofobia.

A pobreza das mulheres, a falta de poder das mulheres, a dupla jornada de trabalho e a falta de valor do trabalho doméstico, a violência contra as mulheres, a repressão contra a mulheres lésbicas, o racismo contra as mulheres negras, nós transformamos todas essas questões, e muitas outras, em problemas, contradições e pautas de luta. Portanto o sentido é de luta, um luta que a cada conquista tem que avançar, radicalizar.

O emprego e a renda são importantes para autonomia financeira das mulheres, para sua cidadania. Ter direito a um trabalho remunerado é parte da luta das mulheres, ao mesmo tempo que transformar as condições de trabalho na qual as mulheres se inserem constitui um campo de luta estratégico para a construção de novas relações sociais. Porque se integrar ao mercado de trabalho é uma necessidade das mulheres e, por outro lado, essa integração se faz dentro de um sistema pleno de desigualdades estruturadas a partir da divisão sexual do trabalho. E essa integração não deve se constituir em um “alinhamento” (Collin) ao que aí está.

As mulheres nos espaços de poder político, no atual contexto, é uma conquista necessária no caminho da transformação. Portanto, eu coloco algumas questões: quais as formas de democracia política que estamos forjando? Teorizando, praticando, defendendo, alterando? Participativa, representativa, democracia direta. Como o feminismo tem enfrentado, de fato, o sistema de poder político, qual a crítica, quais as formas de confronto?

Para as novas gerações que estão sempre chegando, para umas o feminismo é um caminho; para outras, o caminho já está pronto, e então como encarar os conflitos inerentes entre transmissão e reinvenção?

Não quero fazer uma pauta, quero fazer um caminho para algumas questões finais. O significado do feminismo está na luta das mulheres e no lugar que elas ocupam nas relações sociais no mundo. E, no mundo, as mulheres são oprimidas e exploradas. Portanto, o sentido de transformar a vidas das mulheres é o sentido de transformar as relações sociais de desigualdades que estão aí. Por isso, não podemos perder a visão do contexto nas suas dimensões social, econômica e cultural, que definem a ordem das coisas. A cultura é machista, e a mercantilização da vida, dos bens da natureza, do corpo das mulheres, é a mais nova fronteira desbravada pelo capitalismo. A reestruturação produtiva retoma práticas do século XIX de exploração do trabalho das

mulheres. E o direito à terra ainda não está garantido para quem nela trabalha e, muito menos, para mulheres. As mulheres negras continuam sendo a porção mais pobre da população brasileira e, no Brasil, os filhos que delas nascem estão na maioria dos casos marcados para morrer. O aborto continua ilegal na América Latina e isso significa que os homens e as igrejas, que também são dos homens, continuam a dominar cada Estado Nação no continente.

Por isso, o sentido da luta, companheiras, precisa ser radical.

Conquistas já foram realizadas, e a primeira conquista de todas é a construção do movimento feminista, do movimento de mulheres. Portanto, quando estamos juntas no movimento, estamos na origem da história e na construção da história. Mas, o caminho a percorrer é longo e o projeto é um devir, dialético, e não um modelo pré-fabricado. Um devir que se faz na luta contra a opressão e a exploração, contra a desigualdade profunda, que persiste como um destino em nosso continente. Mas se fomos capazes de mostrar que para as mulheres o destino não é mais um destino, e rompemos as amarras da privação do privado para ganhar o lugar de sujeito, é porque acreditamos, sim, na possibilidade da transformação.

O sentido da luta é do local ao internacional, e não podemos mais pensar o Brasil em separado, o Brasil é parte da América Latina, e o nosso caminho de luta é latino-americano e é em cada aldeia da América Latina.

A economia funciona globalmente e o sistema financeiro, como dizem seus agentes, é transnacional, mas o que não dizem é que seus efeitos descentrados, tem alguns poucos centros de poder, e é lá que se faz a acumulação do dinheiro e do poder econômico, e que seus efeitos se espalham e destroem a vida das pessoas, e se espalham pelas grandes cidades e pequenas vilas de todos os continentes e, sobre alguns, em maiores proporções, e aí, eu penso na África, e desse continente nós não podemos nos esquecer, pois, como diz Walter Benjamin, o esquecimento é recalque e, quando esquecemos, a história volta sempre em forma de barbárie. Temos que construir sempre relações e pontes para a ação com nossas companheiras africanas, como também da Ásia, da Europa e de toda a América. Enfim, uma ação feminista é, desde o início, uma ação internacionalista.

A biopolítica é uma nova forma de exercício de dominação e controle sobre a vida, e sobre a reprodução da vida. A guerra imperialista é feita em nome da democracia, e as mulheres são violentadas em nome dos fundamentos das religiões.

O patriarcado não acabou e o movimento feminista é um movimento das mulheres. E para quem não aceita o conceito de patriarcado, eu posso dizer, em outras palavras, que a dominação e a exploração das mulheres não acabaram. As mulheres não são apenas um sexo biológico, as mulheres são uma categoria social. O corpo das mulheres não é vazio de significado, foi justamente sobre ele que se forjou um sistema de repressão e dominação que está inscrito na cultura, na economia e na vida

social. Mulheres significam uma experiência compartilhada historicamente e o movimento feminista nasceu de uma revolta contra essa forma de experienciar o mundo. E movimento de mulheres altera o sentido da política e, ao transformar a vida das mulheres, está transformando o mundo. E, se a conquista primeira é ser sujeito da transformação, o movimento feminista tem que se democratizar e se expandir na direção das mulheres que formam a maioria, as mulheres pobres trabalhadoras, negras e de várias etnias, que sustentam na vida cotidiana o duplo movimento de produção e reprodução da vida social.

O feminismo, ao fazer a grande conquista das mulheres como sujeito, traz, para nós, as mulheres, essa grande aventura de participar da invenção do mundo, aventura essa que se faz como uma revolução, uma revolução permanente em busca da igualdade.

O momento da ação política transformadora é também o da invenção de novas relações, de novas subjetividades e, portanto, da reinvenção coletiva e da reinvenção de nós mesmas.